

## A REFULGENTE LUZ DO ESCRÍNIO

“Diógenes Laertius em “Biografias de Filósofos Antigos”: *A felicidade é o exercício da virtude em uma vida completa e perfeita.*”

Você quer ser feliz!

Todas as pessoas do mundo querem ser felizes!  
Não ser feliz é caminhar na escuridão interior!

□

Se quisermos aprender datilografia, há cursos especializados e, por meio de exercícios calculados, de comprovada eficácia, tornamo-nos datilógrafos. O mesmo se aspiramos ser choferes, cozinheiros, costureiros, contabilistas ou outra qualquer habilitação.

Só não aprendemos, — ou, se aprendemos, sempre às duras provas dos erros a serem reparados, de ilusões desfeitas pela nossa incúria, dos desastres materiais e morais que nós mesmos urdimos mentalmente ou damos execução com nossas próprias mãos, — é justamente aquilo que julgamos inseparável do nosso cotidiano: ANDAR DE BRAÇOS-DADOS COM A FORMOSA DAMA, POR NOME, FELICIDADE.

É possível até que nem saibamos em que con-

siste a felicidade: o instinto nos diz tratar-se de algo de que carecemos por vezes desesperadamente. E é só!...

Será algo de físico? Exterior?

De subjetivo? Interior?

A maioria das pessoas dirá que se trata de uma *modificação*, necessariamente *para melhor*. É bom que se insista: *para melhor!*

Ou largar amarras, ganhar distâncias de qualquer coisa incomodatória ou alguém que representa o papel de "agulhão", no dizer de Paulo, o Apóstolo. Pois, não é Sartre, o *chefão*, quem escreveu que... *o inferno da gente é os outros?*

Neste introito, que nos atrevemos a fazer, mostramos que essa "idéia" tem deflagrado como *clarões* em certas inteligências de escol, ainda encarnadas.

Mostramos que, mesmo esse *brain trust*, tem apenas o momento da *decação* e, em seguida, se revela incapaz de levar o assunto até mais longe.

Com Francisco Cândido Xavier aprendemos que não é aconselhável mostrar que algo ou alguém está errado quando não podemos ou não temos cabedal para explicar como acertar e retificar.

Nas mensagens enfeixadas neste livro, fica patente que, onde as "*inteligências encarnadas*" são visitadas pelo "*clarão*" e não conseguem ir além, as "*inteligências desencarnadas*", neste caso o Espírito de Emmmanuel, com sua sabedoria ampla e desenfada de um vocabulário esotérico, — SABE e PODE, pela mediunidade única de Francisco Cândido Xavier, — empregando sempre a argumentação do Bem-no-Amor, — conduzir a questão cruciante até onde a compreensão humana, em seu estado atual de assimilação, lhe permite ir.

Verificamos também, que os "pensadores encar-

nados" conseqüentemente, mais acessíveis à comunicação-de-massa, muitas vezes levam os leitores a se confundirem de modo lamentável, distanciando-os dos HORIZONTES que esses espíritos passivos, invigilantes e impressionáveis, *têm existência justamente para ser alcançados*. Em seus marasmos, eles obscuramente sonham com um Shangri-lá, de James Hilton, a Utopia, de Tomás Morus, a Cidade do Sol, de Campanella, a Cidade de Deus, de Agostinho, enfim, esses oásis de paz desanuviada, com a sombra das tamareiras e a doce fonte borbulhante, tudo como, principalmente os brasileiros, costumam ambicionar (em sua sabedoria tão semelhante à chinesa quanto a argentina recorda a japonesa!) e mais o complemento do "*pijama-largo*", verde-e-amarelo.

Ao pé de cada mensagem deste livro, ditado, todo ele, pelo Espírito de Emmmanuel, o leitor encontrará, postos por nossa conta, os "*clarões*" que mencionamos, as pequenas "*chaves*", (apenas a título de ilustração), visto que os imponentes portões que se abrem para o CAMINHO, já foram, linhas acima, escancarados pela respeitável Entidade Espiritual à qual, no futuro, se erguerão monumentos pelos relevantes serviços prestados ao Amor, à Paz e à Fraternidade real entre os homens.

Todavia, por agora, essa Humanidade-Criança ainda se deixa levar pela mão, tão franqueada aos carismas que estes chegam a parecer um pirolito. E docilmente caminha, — quase sempre cegos arrastados por outros cegos, — conduzida pelas velhas raposas, sendo ela a Menina-do-Chapéuzinho-Verme-lho. E para os raposões, conforme Jung (tão perto de nós!) constatou, os interesses-criados, o PODER, constitui uma questão de vida-ou-morte.

Conhecem-se as leis dos *quanta* e desandamos por esses espaços siderais para saber que poeira



esdrúxula é essa que cobre as crateras e vulcões extintos dessa velha alcoviteira dos namorados: a Lua.

Mas não procuramos saber que temos ONTENS-REENCARNATÓRIOS, anteriores ao nascimento de nossa individualidade atual, e que arrastamos como um lastro. E esse passado é, nas mais das vezes, inglório: se revelado, pouco ou nenhum orgulho nos trará, mas, sem dúvida, teve participação nos processos da História e nos destinos de outros seres. E se dele não nos recordamos é por acréscimo da Divina Providência, que de nós se condói.

Desse processo, — que vem a ser uma das Leis que regem a Vida, — resulta O QUE SOMOS HOJE — por vezes incomodativamente.

E tão pouco nos preocupamos em reservar um minutinho do nosso cotidiano, para conjecturar que as nossas ações atuais são o PROJETO sobre o qual nossa vida será reconstruída no ETERNO AMANHÃ, nesse Futuro Dinâmico, do qual inexoravelmente somos parte constitutiva.

E quem pensa nessa ponte até bem pouco pintada de negro, a MORTE, hoje desmoralizada por esse *enfant gaté* de apenas 100 anos, o ESPIRITISMO?!

Por isso nos preparamos para ir até ali na esquina, mas estamos em geral distraídos de pensar que tudo isto que nos cerca é apenas uma ESTAÇÃO DE BALDEAÇÃO. De um momento para o outro os ponteiros do enigmático relógio dos nossos “tempos particulares”, estarão marcando o momento da “partida”.

Todavia esses pensamentos, se levados a sério, arrancarão reclamações de nossa parte: “esquentam a cabeça da gente”, “há muito tempo para se pensar nisso!”. São as alegações mais comuns.

Inesperadamente o homem-do-apito deixará escapar o aviso e o trem se porá em movimento.

Só nos preocupa que QUEREMOS, que PRECISAMOS ser felizes.

E a Felicidade, onde se enquadra? Na ÉTICA, na MORAL, na RELIGIÃO?

Deveria ser mister da Religião que se diz capaz de SALVAR as criaturas.

Todavia esta se institucionalizou a partir do Concílio de Nicéia e, interessada em fazer seus os esplendores da Terra, esqueceu-se do HOMEM, já prisioneiro de seus dogmas e intimidado por seus artifícios e rituais. Entre a pompa e os ouropéis, o espírito do Cristianismo se perdeu. Este ganhou aliados, comercializou-se, hierarquizou-se, politizou-se, guerreou e matou em nome de Deus, sempre, entretanto, para garantir o PODER, sob quaisquer pretextos.

Pior do que isto, a Religião desviou o HOMEM do eixo de suas responsabilidades, fazendo-o crer (embora sendo ele já consciente de seus vícios, de sua indigência espiritual, de sua recente emersão na qualidade de... animal mais ou menos racional...) — que ele pode, de uma hora para outra transformar em flores os seus espinhos, e isso pela arte “a tantos cruzeiros”, de ritos e paramentos. Isso feito, teria entrada imediata nas... *verdes pastagens*..., onde o próprio Deus tem o seu Camarote Real e permanece perpetuamente a ouvir harpas e liras, prestando-se, até não se sabe onde ou quando, a ser “contemplado” pela multidão anódina que mais e mais se avoluma, com entradas facilitadas pelo *Admite-se das extremas-unções e encomendas*. O despacho fica por conta dos Umbandistas.

Assim, a religião mentiu e caiu em descrédito, a tal ponto que Engels e Marx, ao fazerem o seu



début encontraram terreno cuidadosamente preparado para proclamarem ser ela... "o ópio da Humanidade".

□

Todavia pode-se imaginar que as "Inteligências Superiores", que comandam a Humanidade, já previam tal desenrolar, e que seja até mesmo um mal necessário o que temos por objeto de responsabilização — por exemplo, um treino para a libertação pela Verdade, da conscientização dos homens rumo à razão que deverá estar a seu lado em todas as épocas da Humanidade.

Cristo, a Culminância, asseverou que iria partir mas não deixaria o Homem só. Ele próprio alçou-o ao primeiro degrau da escada do conhecimento. Mais tarde, em exato momento, mandaria o Espírito de Verdade.

Nesse entremeio sucedeu à Humanidade a epopéia de uma tomada de consciência progressiva, a libertação dos grilhões do PODER e do DOMÍNIO que se supunham definitivamente instalados.

O Homem antevia horizontes e queria se movimentar para eles.

Foi quando Allan Kardec se apresentou, perfeitamente sintonizado com a "tropa-de-choque" do Paraclete. Onde os pseudo-sábios falharam, eles iam erguer o monumento do triunfo do Espírito Imortal.

Ensinaam que, tão ou mais importantes que as leis periféricas descobertas nos laboratórios do Mundo, existem aquelas que regem o maior dos tesouros: a EVOLUÇÃO. E soube-se, — se não tudo pelo menos o necessário, — sobre a Reencarnação, as leis de Ação-e-Reação, de Causa-e-Efeito, da Comunicabilidade do Espírito, das Muitas Moradas. E

deu-se a interação entre os dois mundos: um denso (este em que vivemos encadernados na carne), outro invisível e inapercebido pelos nossos sentidos ainda embrutecidos, instrumentos de cordas enferrujadas, mas que já se afinavam para o Sublime Concerto.

Percebeu-se que, basicamente, a Felicidade consiste em o ser-humano conhecer essas Leis e a elas conformar-se. Não se trata de nova subjugação mas de uma consciente auto-disciplina à qual Jesus denomina "jugo suave".

E a grande Universidade recebeu o nome de Espiritismo. Nela, se os "Maiores do Paraclete" têm as cátedras, mesmo os espíritos-encarnados, aqueles que se distinguem pelo estudo expontâneo, posto em prática de modo a que dia-a-dia, se renovem intimamente para melhor, — podem ser assistentes e monitores.

E é assim que o homem ganhou um curso para aprender a ser feliz! O currículo contém matérias sobre as multiformes modalidades de AMAR E SERVIR. Nessa Divina Pedagogia, esteve, desde o princípio, estabelecido que o Espiritismo caminharia passo a passo com as Ciências. Ora, entre elas, uma existe, extremamente juvenil: A COMUNICAÇÃO-DE-MASSAS.

Acontece que, no estudo científico da Comunicação-de-massas, o elemento primordial é a COMUNICAÇÃO, isto é, o estudo científico das relações entre pessoas que selecionam essas MENSAGENS (fontes) e as pessoas que as interpretam e são por elas afetadas (receptadores).

Não é singular que, desde há tanto tempo, venham sendo chamadas MENSAGENS às lições que os *Orientadores Invisíveis*, a serviço de Cristo, nos



endereçam através da mediunidade e, principalmente, pela psicografia?

Este ESCRÍPIO DE LUZ contém MENSAGENS de um dos mais hábeis Mestres, filtradas por um dos mais apurados médiuns de que se tem notícia em toda a história da Humanidade: Emmânel (o Espírito) e Francisco Cândido Xavier (o médium).

É quase um dever espiritual dar a conhecer ao público que vai aprender neste livro, um breve resumo do que seja a COMUNICAÇÃO e o que seja a MENSAGEM no domínio da ciência da Comunicação-de-Massa, visto que empregamos os dois vocábulos, COMUNICAÇÃO e MENSAGEM gratuitamente, sem nos darmos conta de quanto exigiram dos Mestres Invisíveis, de há muito integrados nesta nova área do conhecimento humano, a COMUNICAÇÃO-DE-MASSAS, tendo em vista a informação e consequente evolução da população gregária desta choça humilde, a Terra, entre os Palácios de Luzes da esfera cósmica.

Vamos, depois disto, para o nosso MOBREAL.

□

Dissemos que COMUNICAÇÃO é o estudo científico das relações entre pessoas que selecionam MENSAGENS (fontes) e pessoas que as interpretam e são por elas afetadas (receptadores).

Este estudo abrange:

a — o processo de comunicação humana em todos os seus aspectos — os significados desejados e liciados e os fatores que afetam as relações entre a intenção, o conteúdo e OS EFEITOS DA COMUNICAÇÃO;

b — os problemas de natureza teórica e prática,

ca, estudados, digamos, em livros, ligados ao uso da comunicação (por exemplo, este livro);

c — quaisquer aspectos do comportamento e da experiência humana que afetem a comunicação ou são afetadas por estes (aqui lembramo-nos das sessões de desobsessão, nas quais os assistentes tomam conhecimento de certas experiências humanas e são por elas afetados);

d — quaisquer aspectos do comportamento (reconhecereis o espírita pela sua modificação interior) e da experiência humana (o comportamento do espírita na sociedade, na família ou sua atividade espontânea, não afetada e gratuita em benefício das comunidades) que afetam a comunicação ou são por esse comportamento afetados.

De modo geral, esta é a área que tem sido predominantemente identificada com o estudo dos meios de comunicação-de-massa ou coletiva (aqui não nos referimos ao Espiritismo): livros, revistas, jornais (não-espíritas, mas que também valem para os espíritas) e seus efeitos no público, assim como o estudo da COMUNICAÇÃO face-a-face, em grupos (na Inglaterra é muito comum a reunião de pessoas para estudos espíritas e aqui no Brasil ganha amplitude o Culto do Evangelho no Lar) e o interpessoal, diálogo (experiência que a Federação Espírita do Estado de S. Paulo vem fazendo com os mais animadores resultados).

Nos últimos anos, entretanto, ganhou ampla aceitação entre os especialistas (e os espíritas intuitivamente os seguiram), o ponto-de-vista de que os fenômenos de comunicação-de-massa e comunicação-interpessoal, apresentam muito em comum.

A expressão COMUNICAÇÃO é, hoje, considerada mais conveniente para designar, tanto no ter-



reno da MENSAGEM escrita (pode ser o produto da psicografia), quanto no terreno do diálogo (pode ser de encarnados para com encarnados, ou destes com desencarnados, se virmos do ponto-de-vista espírita), a TEORIZAÇÃO E A PESQUISA nesta área, quer se refiram à Comunicação-de-Massa, à COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL ou a AMBAS;

Nós, espíritas, não podemos ficar alheios a esta questão, tirando partido da MENSAGEM e da COMUNICAÇÃO simplesmente como recursos de consolo pessoal ou fonte de emoção mística, uma vez que isto é cometer um equívoco em relação ao Espiritismo que é CIÊNCIA, FILOSOFIA e RELIGIÃO. Não pode haver dissociação, mesmo porque, considerando-se o aspecto científico (tão mal compreendido e visto com tão indolente perpassar de olhos) no sentido em que estamos desenvolvendo estas considerações de abertura, o aparecimento da Comunicação-de-Massa como área de conhecimento, campo de pesquisa, disciplina acadêmica e conjunto e aplicação de leis e princípios, a processos sociais, está profundamente associado a:

a — progressos tecnológicos realizados neste século;

b — contribuição das ciências humanas, particularmente da Psicologia, da Sociologia, da Ciência Política e do próprio Espiritismo (quando os técnicos no assunto tiverem olhos de ver essa fascinante contribuição) proporcionam instrumentos de COMUNICAÇÃO altamente flexíveis e que atingem grande número de pessoas.

Simplesmente a título de informação, é bom que se diga que quatro cientistas são geralmente citados como pioneiros no estudo científico da COMUNICAÇÃO: Lasswell, Lazarsfeld, Lewin e Hovland. Lass-

well, professor de Ciências Políticas na Faculdade de Direito da Universidade de Yale, interessou-se pelo estudo de problemas de COMUNICAÇÃO ligados à propaganda política e ideológica e contribuiu especialmente para o desenvolvimento da Técnica de análise de conteúdo. Suas obras *World Revolutionary Propaganda* (1939), *Psychopatology and Politics* (1930), *Power and Personality* (1948) e *The compatible Study of Symbols* (1952) são de grande importância e poderão ser um ponto-de-partida para quantos estiverem ligados à divulgação dos conceitos doutrinários do Espiritismo.

Lazarsfeld, Lewin e Hovland atêm-se mais particularmente à área da Psicologia. O primeiro, vienense de nascimento, transferiu-se para os Estados Unidos em 1933, dedicando-se à pesquisa e ao ensino da Psicologia Social e Sociologia (ambos ramos do conhecimento de maior interesse para nós, espíritas, visto que a Psicologia Social poderá, no capítulo da *Attitude*, auxiliar muito no reconhecimento dos processos obsessivos), leciona em Princeton e Colúmbia. Na década dos 40, Lazarsfeld dedicou-se à pesquisa da COMUNICAÇÃO, tendo o rádio por ponto-de-referência. É de notar que, 10 anos antes, Hubert Forestier, na França e Cairbar Schutel, no Brasil, embora guiados apenas pela intuição, já haviam iniciado a COMUNICAÇÃO dos postulados espíritas pelo rádio.

Kurt Lewin é natural de Viena. Na década dos 30, transferiu residência para os Estados Unidos, exercendo grande influência sobre os jovens pesquisadores da Universidade de Massachusetts. Dedicou-se à investigação de relações interpessoais em pequenos grupos, nos quais observava a influência da COMUNICAÇÃO. Seu nome está ligado principalmente ao movimento de "dinâmica de grupo".



Nos Estados Unidos e Inglaterra já se iniciaram estudos semelhantes, isto é, grupos espíritas dinâmicos, embora falte-lhes monitoria científica. É difícil saber até quando, nos arraiais espíritas, dominará o empirismo. O "poder jovem" certamente acertará a situação levado pela inexorável tecnologia.

Hovland orientou um extenso e importante programa de investigações psicológicas sobre a COMUNICAÇÃO-DE-MASSA, na Universidade de Yale, fundamentando-se nas formulações de outros pesquisadores como Clark Hull, Miller, Dollard, Mower, Lewin e Festinger. O resultado desses estudos foram publicados em numerosos artigos e em livros como *Communication and Persuasion* (1953), *Personality and Persuability* (1959) e *Attitude, Organization and Change* (1960), sem, entretanto, despertar as atenções de quaisquer denominações religiosas, e é possível que este livro seja pioneiro no assunto.

Nesses estudos é preciso destacar o seguinte:

- a) QUEM
- b) DIZ O QUE
- c) ATRAVÉS DE QUE CANAL
- d) PARA QUEM
- e) COM QUE EFEITO?

Especialmente Lasswell associa as várias atividades dos especialistas em COMUNICAÇÃO a cada um destes cinco itens. Assim, pessoas que estudam o primeiro item, o QUEM, isto é, a fonte (o COMUNICADOR), interessam-se pelos fatores que iniciam e orientam o ATO DE COMUNICAÇÃO. Pode-se chamar essa subdivisão de campo de pesquisa como ANÁLISE DE CONTROLE.

Especialistas preocupados com o segundo item, "DIZ O QUE", dedicam-se à análise do conteúdo.

Aqueles que se concentram no rádio, na imprensa, no cinema e em outros canais de comunicação, realizando análises de meios, abrem caminho para a tropa-de-choque que vai acrescentar a esses itens: o rádio, a imprensa, o cinema, outros canais no contexto espírita, acrescentando ainda o mais importante: A COMUNICAÇÃO MEDIÚNICA, pelos CANAIS DA MEDIUNIDADE. Certo, isso é para o futuro, mas esse futuro já começou.

Prosseguindo: quando a preocupação principal se refere às pessoas atingidas pelos meios, fala-se em ANÁLISE DE AUDIÊNCIA.

Se o problema estudado é o impacto da COMUNICAÇÃO-DE-MASSA sobre a AUDIÊNCIA, defrontamos ANÁLISES DE EFEITO (Laswell, 1948).

Hovland e colaboradores (1963) preferem definir COMUNICAÇÃO como um processo psicológico: é o processo por meio do qual um indivíduo, o COMUNICADOR, transmite estímulos para modificar o comportamento de OUTROS INDIVÍDUOS, ou AUDIÊNCIAS. Essa definição especifica a tarefa de pesquisa, consistindo em análise de quatro fatores:

- a) o COMUNICADOR retransmite a COMUNICAÇÃO
- b) os ESTÍMULOS TRANSMITIDOS pelo COMUNICADOR
- c) a AUDIÊNCIA respondendo à COMUNICAÇÃO
- d) a RESPOSTA dada pelas AUDIÊNCIAS à COMUNICAÇÃO.

No passado era comum conceber a AÇÃO e os EFEITOS dos meios de COMUNICAÇÃO-DE-MASSA em termos de seringa de injeção ou esponja, considerando-se o ser humano como uma entidade passi-



va, a absorver o que o meio de COMUNICAÇÃO-DE-MASSA se lhes oferecia.

Hoje predomina entre os especialistas a concepção segundo a qual o indivíduo exposto à COMUNICAÇÃO DE MASSA é, em primeiro lugar, um seletor ativo de materiais. Parece-nos que isso é especialmente do interesse espírita, destituído de dogmas de fé e que, pelo contrário, visa tornar o homem até hoje acrítico em — o quanto mais possível, — CRÍTICO. Mesmo durante a exposição com a qual nos ocuparemos em seguida, vale aguçar uma atenção seletiva, variando em função do seguinte:

- a) O QUE o indivíduo é capaz de lembrar.
- b) O QUE o sujeito assimila.

Essa assimilação depende e está em função do nível pré-existente, o qual, visto de uma enquadratura espírita pode ter sido adquirido nesta existência mas pode, também, ser herança das múltiplas encarnações já vividas pela criatura na fieira evolutiva das reencarnações. Pesam também a NATUREZA DAS NECESSIDADES do indivíduo e A QUALIDADE DE SEU AJUSTAMENTO À SUA SITUAÇÃO DE VIDA. Sem a compreensão destes dois itens, — os quais a doutrina da reencarnação explica tão bem, auxiliando o indivíduo mais do que outra qualquer coisa —, é pura enfatuação a tentativa de COMUNICAÇÃO visando a recuperação do indivíduo ou de grupos de indivíduos. Não é demais insistir em que a Lei da Reencarnação, tão lógica e tão pura, poderia ser de especial valor — o futuro vai provar isto!

Em vista do que foi exposto, não se deve colocar a questão dos efeitos da COMUNICAÇÃO-DE-MASSA em termos de... existência ou não desses efeitos, mas, sim, em termos de QUANTO efeito, em

QUE TIPO de sujeitos e sob QUE CIRCUNSTÂNCIAS, tais efeitos se manifestam.

Até hoje nós, os encarnados, que publicávamos a MENSAGEM espírita, cometíamos a falta de ser simplistas. Tomávamos a MENSAGEM, elaborada pelos espíritos e, distraidamente, calculando quantos mil exemplares poderíamos vender, passávamos-la para a letra-de-forma. Não se tinha, em realidade, noção de seus aspectos científicos, de que faziam parte de um espectro científico, — e, questão mais importante, — que constituíam mais do que uma esperança nos momentos de crise, — significavam EDUCAÇÃO. A MENSAGEM era então, distribuída em *suevtos* ou reunida em livros. E a tarefa era dada por concluída.

Mas o Espiritismo é uma CIÊNCIA, e este é um dos seus novos aspectos científicos, e não simplesmente literário.

Tudo isto é difícil, mas é real até onde pudemos chegar. Só por esforços da inteligência esta se dilata, abrange mais da verdade e liberta o homem cada vez mais e mais.

Leiamos com nova disposição a obra dos Mensageiros do Alto, sobretudo André Luiz e Emmmanuel e descobriremos, agora, que ela se impregnou melhor em nós e que estamos com melhor instrumental para transmiti-la a outrem.

□

Muitas pessoas perguntam por que motivo a produção psicográfica destinada à criança, é tão parca. Devidas às mãos mediúnicas de Francisco Cândido Xavier, ela pode ser contada nos dedos.

Imaginemos o seguinte: aqui na Terra, onde mourejamos, ainda não encontramos a pedagogia e a metodologia destinada à criança. Inúmeros en-



saíam têm sido e estão sendo feitos. **COMUNICAÇÃO DE MASSA X CRIANÇA** é um problema: mais do que um problema, um enigma.

Em 1961, Schramm e outros pesquisadores lembravam que... *"para algumas crianças, sob certas condições, a COMUNICAÇÃO-DE-MASSA é prejudicial"*. Causa admiração, mas é fruto de pesquisa e há, é lógico, exceções... Para outras crianças, sob as mesmas condições, ou para as mesmas crianças, em outras condições, a COMUNICAÇÃO-DE-MASSA pode ser benéfica.

Mas, como fazer a diferenciação se a evangelização da criança ainda não é vista como algo de mais sério, é feita às pressas, por professores pegos-a-laço? No pé em que estamos e de acordo com Schramm e sua equipe de pesquisadores, para a maioria das crianças, na maioria das condições, a maioria dos veículos de COMUNICAÇÃO-DE-MASSA é anódina: nem particularmente prejudicial, nem particularmente benéfica.

Se nós, espíritas, fizermos uma estatística rigorosa, verificaremos que os adeptos do Espiritismo crescem dia a dia, incontivelmente, ENTRE ADULTOS. A percentagem de crianças que frequentam nossos "Cursos de Moral Evangélica", ao se tornarem adolescentes, se deslastram dos Centros Espíritas. Embora não se filiem a outras seitas e se digam espíritas, só raramente levam avante a frequência e o estudo da doutrina. E se se enamoram de jovens de outras denominações religiosas, sempre lançam mão de um desculpismo vasto para se casarem e batizarem seus filhos de acordo com o desejo do campanheiro ou da companheira. Dizem que assim procedem por espírito-de-tolerância, mas acontece que também precisamos dar aos filiados em outros credos religiosos a oportunidade de exer-

cer essa virtude, que não é apanágio do Espiritismo.

Isto significa que os Cursos-de-Moral-Evangélica e a frequência às Mocidades-Espíritas, quando a criança ou o jovem ainda dependem do respeito paternal, deixam ainda a desejar, ao menos do ponto-de-vista da COMUNICAÇÃO-DE-MASSAS.

No início de nosso prólogo, tomamos a liberdade de dizer que precisamos incessantemente, encontrar no Espiritismo, o lugar em que se podem incorporar os progressos anunciados dia-a-dia. O momento em que se instala uma civilização tecnocrata convida a novos exames, avaliações e um aproveitamento final. A COMUNICAÇÃO COM A CRIANÇA ESPÍRITA precisa ser reexaminada, a fim de que, já emplumada, ela não bata vôo das caatingas áridas em que se constituem certos Cursos-de-Moral-Evangélica.

□

Para terminar queremos lembrar a argumentação sintetizada de Katz em 1959, o estudo que se refere a abordagem (neste caso de temas não espíritas) ou a abordagem dos usos e gratificações.

A pergunta principal é esta:

- a) O que os meios de COMUNICAÇÃO-DE-MASSA fazem ao público para se converterem
- b) no que o público faz com os meios de COMUNICAÇÃO DE MASSA.

Essa constatação pode provar o que dissemos quanto à tendência atual de reforçar comportamentos, opiniões e atitudes, ao invés de produzir modificações.

A abordagem deste setor principia com a admissão de que a MENSAGEM, até mesmo dos mais



poderosos meios de comunicação, é capaz de influenciar um indivíduo que não tem um USO para tal MENSAGEM, no contexto social e psicológico em que vive.

Se os técnicos têm razão e a sociedade-tecnológica em que vivemos está gerando uma "personalidade neurótica", nesse caso a doutrina espírita, se tomada em sua pureza, tal como a desejou Allan Kardec, poderá ser considerada o USO por excelência.

Esta, repetimos, é a hora e a vez da MENSAGEM ESPÍRITA, visto que a abordagem dos USOS admite que os valores das pessoas, seus interesses, suas representações sociais, suas associações (todos esses valores prepotentes e modelados seletivamente: o que vêm e ouvem no círculo de seus interesses), não são refratários à MENSAGEM ESPÍRITA visto a lógica que a comanda e o seu caminhar *pari-passu* com o progresso das Ciências.

Poderá haver dificuldades. Dexter e White (1964), lembram que... *"o efeito de qualquer comunicação não pode ser visto como o efeito direto de um estímulo sobre um objeto. Seres humanos não são bolas-de-bilhar, manipuladas por pistas externas"*.

Para nós, espíritas, como foi dito, o ser humano possui um passado composto por uma fieira de reencarnações — são membros de grupos, muitas vezes reunidos desde há séculos e isso pode significar que interpretam e modificam o significado dos estímulos; e são capazes de integrar suas respostas aos vários estímulos mais ou menos simultâneos, de modo que a ação resultante pode ser, — e quase sempre é, — muito diferente daquela que a simples adição ou subtração sugeriria.

A evidência experimental e também a empírica,

convergem nesta direção e, também assim, o desenvolvimento teórico da ciência social.

Não se pode assimilar o processo da COMUNICAÇÃO-DE-MASSA sem compreender a comunicação de pessoa para com pessoa ou em grupos. Isso já se faz nos arraiais espíritas. Não sabemos quem, como ou quando alguém teve a inspiração de promover, no decorrer da semana, noites para o diálogo ou o estudo e troca de pontos-de-vista, de temas espíritas e evangélicos, sorteados, seja no "Evangelho Segundo o Espiritismo", em "O Livro dos Espíritos" ou em algumas das obras psicografadas por Francisco Cândido Xavier. É possível que este livro também tenha tal função.

Um dos mais influentes investigadores do problema quanto à COMUNICAÇÃO-DE-MASSA e a COMUNICAÇÃO INTER-PESSOAL, Elihu Katz, lembra-nos que... *"uma audiência de massa não é desconexa e atomizada, conforme se pensava antigamente... Numerosos estudos indicaram que as pessoas não são facilmente persuadidas a modificar suas opiniões e comportamento. A procura das fontes de resistência à mudança, assim como das fontes efetivas da influência quando as mudanças efetivamente ocorrem, levou à descoberta do papel das relações inter-pessoais"*.

Os fatores compartilhados em grupos de família (no Espiritismo, o Evangelho no Lar) amigos e companheiros de trabalho (a aplicação da MENSAGEM espírita nas condutas do cotidiano) e as redes de COMUNICAÇÃO que são sua estrutura, a decisão de aceitar ou resistir a novas idéias (no caso as idéias espíritas) — todos são processos inter-pessoais que intervêm entre os meios de COMUNICAÇÃO-DE-MASSA e o indivíduo visado pelos mesmos.

Estas descobertas recentes, desfazem a imagem



tradicional das audiências individualizadas" (Katz, 1969).

Tudo isto, — embora possa parecer cansativo ou dispensável, dar-lhe-á, leitor, uma visão mais veraz daquilo em que consiste a MENSAGEM, — exatamente quando se começa a dizer que o mercado livreiro está se saturando com obras contendo "mensagens psicografadas".

Por outro lado, quando Você ler este livro, as diversas abordagens do Espírito de Emmânuel, tão prudentes, meditadas e judiciosas, já terão tornado este grupo de páginas realmente em um ESCRÍPIO DE LUZ. Pode ser que Você sinta o impulso de percorrer suas linhas com a displicência de quem lê uma novela ou um romance. Entretanto neste prefácio temos o *breaking-point*. Você terá um descortínio maior, que lhe dará alguns centímetros a mais em sua estatura moral, e esse benefício se estenderá inegavelmente àqueles que tiverem a felicidade de ter com Você COMUNICAÇÕES INTER-PESSOAIS.

Agora Você sabe. E, sabendo, se libertará com mais facilidade, muito embora a sua responsabilidade esteja duplicada ou triplicada.

□

E a caravana vai passar!

François de La Rochefoucauld, em "Maximes 227", assegura que: "*Les gens hereux ne se corrigent guère; ils croient toujours avoir raison quand la fortune soutient leurs mauvaises conduite*". As pessoas felizes jamais se corrigem; elas sempre crêem ter razão quando a fortuna material sustenta-lhes a conduta deplorável.

Isso dá muito em que pensar.

Tomemos "Maximes et anecdotes" de Chamfort para ouvi-lo exclaimar: "*Le plaisir peu s'appuyer sur*

*l'illusion, mais le bonheur repose sur la vérité*". O prazer pode se apoiar sobre a ilusão, mas a felicidade repousa sobre a verdade.

E aqui está o "Social Statics" de Herbert Spencer. No capítulo XXX: "*No one can be perfectly happy til all are*". Ninguém pode ser perfeitamente feliz enquanto todos os homens não sejam perfeitamente felizes.

Miguel de Cervantes, em "Numancia", sai-se com uma consideração que poderia ter sido tirada de uma obra espírita: "*Cada qual se fabrica su destino; no tiene aqui fortuna alguna*". Cada um de nós fabricamos o nosso destino; nessa questão nada intervém e de nenhuma forma.

O mesmo se poderia dizer de Edouard Pailleron que, em "Noel", assim se exprime: *Le seul bonheur qu'on a, vient du bonheur qu'on donne*. A única felicidade que temos, advém da felicidade que damos aos outros.

Mas J. Joubert, em "Pensés V.31", escreve que "*Il entra dans la composition de tout bonheur l'idée de l'avoir mérité*". Entra no contexto da felicidade a idéia de tê-la merecido.

Isso complica e desassossega — pois não é mesmo, leitor?

E Jean de La Bruyere, em "Les Caractères" agrava essa sensação com o seu escrúpulo: *Y il a une certaine honte d'être hereux à la vue de certaines miseres*". À vista de certas misérias, sentimos vergonha de ser felizes!

Tudo se torna mais difícil.

Todavia essas cogitações não estão apenas nas estantes das bibliotecas, vêm, através de gerações, deslizando na *montanha-russa* da massa cinzenta do "homem-plural": do POVO. Há um provérbio alemão que diz: "*Glück und Regenbogen sieht man nicht*



*über dem fremden*: a felicidade, como o arco-íris, nunca é visto sobre a casa-própria e, sim, sobre a alheia.

E aquele poeta brasileiro lembrando que a "árvore de doirados pomos (a felicidade), existe sim, só que nunca nós a botamos onde nós estamos.

Foi talvez por isso que o nosso Coelho Neto — prolífico autor brasileiro cuja coroa bibliográfica Francisco Cândido Xavier arrebatou com o Niagara Falls de sua mediunidade ilimitada — surge tão apressado nas páginas do seu "*Pelo Amor*" e, pressuroso, célebre, empurra para o lado pensares e meditações, aconselhando de arrepio: "*Não pergunte à Felicidade quem ela é nem de onde vem: abra-lhe a porta, deixa que ela entre e feche-a, bem aterrolhada para que não fuja*".

Mas... desçamos outros livros das prateleiras, uma vez que o assunto não tem a quem deixe de interessar. Aqui está Holderlin, em "*Musen-Alman*": "*Schwe ist zu tragén das Unglück, aber schwerer das Glück*: Difícil não é suportar a desgraça; muito mais difícil é suportar a felicidade!

Haverá como contestá-lo?

E Channing Pollock nas páginas de "*Mr. Money-penny*": *Happiness is a way-station between to little and too much*. A felicidade é um ponto-de-parada entre o mínimo e o demasiado! Já Michael Drayton chega verde-esperança no seu "*Mooncalf, work 11, 511*": *Good luck never como to late!* A felicidade nunca chega demasiado tarde.

Em épocas inumeráveis, inumeráveis pessoas em centenas de situações, correm, sonham com essa borboleta rutilante. E a sua ansiedade se deixa ver, indisfarçável, amarga, doce, esperançosa, tímida ou arrojada, cálida de fé ou fria de quem tenta com o

coração fundido no chumbo da desilusão ou da descrença.

E haveria muito a ser examinado, mas, de modo geral, é como se disséssemos:

— Vai para Passárgada!

E não esclarecêssemos se fica ao Norte, Sul, Leste ou Oeste; não dêssemos um mapa ou uma bússola; ou informássemos que ônibus, trem ou carroça chegam até lá; ou o preço da passagem; ou — conforme o caso, — o dinheiro para as despesas.

— Vai para Passárgada!...

Todavia, agora já não há tantas dúvidas. Vai para Passárgada. E já sabemos como e quando ir.

Wallace Leal V. Rodrigues

Araraquara, abril de 1973